

O FAZER CIENTÍFICO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE MURARO: TRANSGRESSÃO E MILITÂNCIA

THE SCIENTIFIC WORK IN MURARO'S TEXTUAL PRODUCTION: TRANSGRESSION AND MILITANCY

Tânia Maria de Oliveira Gomes¹.

Resumo: Neste trabalho, pretende-se efetuar uma célere análise discursiva de alguns excertos da obra *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil* (MURARO, 1983). Perfilhando a análise do discurso a estudos que se debruçam sobre os gêneros textuais, tais como aqueles desenvolvidos por Bakhtin (2003), Maingueneau (2004), Lara (2008), Mari e Silveira (2004) e Rastier (1998), objetiva-se examinar como as produções genéricas, das quais Muraro (1983) se vale, contribuem para a construção de sentidos, na leitura e na escrita, de textos científicos. Salienta-se que as respostas preliminares às questões elaboradas, neste artigo, parecem apontar para um fazer científico pautado no vanguardismo e no engajamento social. Como conclusão principal, atesta-se a importância do legado de Muraro (1983), imortal, antes e depois do seu falecimento, ocorrido este ano.

Palavras-chave: *Ciência; Discurso; Gêneros Textuais.*

Abstract: In this work, it is intended to perform a succinct discursive analysis of some excerpts of the work *Sexuality of the Brazilian women: body and social class in Brazil* (MURARO, 1983). Combining the discourse analysis to studies that focus on textual genres, such as those developed by Bakhtin (2003), Maingueneau (2004), Lara (2008), Mari e Silveira (2004) and Rastier (1998), it is objectified to examine how the generic productions, of which Muraro (1983) relies herself, contributes for the construction of meanings, in reading and writing, of scientific texts. It is noted that the preliminary answers to the elaborated questions, in this article, seems to point to a scientific work guided in vanguardism and social engagement. As a main conclusion, it is attested the importance of Muraro's legacy, immortal, before and after her death, which occurred this year.

Keywords: *Science; Discourse; Textual Genres.*

1 Introdução: a ciência do feminismo

O termo “ciência” pode ser revisitado sob vários matizes teóricos. Nessa direção, variada será, pois, a sua definição. Grosso modo, tal conceito é largamente concebido como “[...] todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação” (TRUJILLO, 1974, p.8 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003, p.80). Essa acepção origina-se de uma divisão metodológica que discrimina cada um dos conhecimentos - popular, filosófico, religioso e científico -, em esferas particulares. Essa fixação taxonômica entre saberes desemboca em múltiplos corolários, dentre os quais, destaca-se este:

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Brasil. E-mail: tantan.maria@hotmail.com

[...] o conhecimento científico é *real (factual)* porque lida com ocorrências ou fatos, isto é, com toda "forma de existência que se manifesta de algum modo" (TRUJILLO, 1974, p.14). Constitui um conhecimento *contingente*, pois suas proposições ou hipóteses têm sua veracidade ou falsidade conhecida através da experiência e não apenas pela razão, como ocorre no conhecimento filosófico. É *sistemático*, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de idéias (teoria) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Possui a característica da *verificabilidade*, a tal ponto que as afirmações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência. Constitui-se em conhecimento *falível*, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por este motivo, é *aproximadamente exato*: novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.80).

Os atributos assinalados reúnem, ao abrigo de um mesmo norte teórico, a noção de ciência atrelada a um pensamento reducionista, estanque, se pensada a complexidade de caminhos pelos quais a gnose científica pode seguir. Sabe-se que a *factualidade*, o aspecto contingente, a sistematicidade, o feitio verificável e o tom falível constituem cláusulas pétreas do arranjo científicista, no entanto, não de seve confinar a ciência a um conhecimento que sobrevive, unicamente, graças à subserviência a tais ditames. Nesse sentido, Rey (1978, p.29 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003, p.234) aponta como trabalhos científicos:

- a) Observações ou descrições originais de fenômenos naturais, espécies novas, estruturas e funções, mutações e variações, dados ecológicos etc.
- b) Trabalhos experimentais cobrindo os mais variados campos e representando uma das mais férteis modalidades de investigação, por submeter o fenômeno estudado às condições controladas da experiência.
- c) Trabalhos teóricos de análise ou síntese de conhecimentos, levando à produção de conceitos novos por via indutiva ou dedutiva; apresentação de hipóteses, teorias etc.

A última associação proposta por Rey (1978) é a que melhor conjuga o que se entende por produção científica, neste trabalho. O texto oriundo de um saber científicista se direciona a partir da análise do material selecionado por meio de teorias que podem viabilizar a confecção de conceitos inauditos. Para tanto, não se pode rechaçar o uso do núcleo duro de tal conhecimento, citado anteriormente, contudo tampouco o estudioso deve se restringir a ele. É precisamente partindo-se dessa ideia que se chega a Rose Marie Muraro. Antes, porém, de se explicitar a relação entre Muraro e a ciência, faz-se necessário delinear quem foi essa mulher notória que

Em 21 de junho de 2014, [...] nos deixou, aos 83 anos, após um legado singular de ação política e de produção intelectual sobre o feminismo. [Rose Marie Muraro] nasceu em 1930, no Rio de Janeiro, e desde muito jovem contribuiu para os jornais estudantis cariocas. Estudou física e economia, o que agregou a suas reflexões lógica e sensibilidade. Em seu percurso de formação acadêmica, despertou para a necessidade de humanizar a relação

entre tecnologia e papéis das mulheres na sociedade, momento em que se aproximou das ideias feministas (ZUCCO; LISBOA, 2014, p.563).

Muraro “foi uma das pioneiras do movimento feminista no país na década de 1970 e popularizou seu pensamento de modo contestador, corajoso e inovador. Discutiu abertamente temas que eram tabus e proibidos naquela época”, tais como “sexualidade e corpo, o que lhe rendeu algumas agressões e preconceitos, suplantados por sua personalidade marcante e sensível” (ZUCCO; LISBOA, 2014, p.563). Intelectual,

[...] apaixonada pelas letras, publicou mais de 40 livros, inúmeros artigos e poesias, além de editar aproximadamente 1.600 livros. Trabalhou na editora Vozes e fundou suas próprias editoras, denominadas Editora Forense Universitária (1965) e Rosa dos Tempos (1990), sendo esta a primeira editora de mulheres do Brasil. Nos últimos tempos, dedicava-se ao Instituto Cultural Rose Marie Muraro, fundado em 2009, que funciona em um imóvel cedido pelo Patrimônio Histórico da União (ZUCCO; LISBOA, 2014, p.563).

Dado esse célere perfil de Muraro, torna-se imperativo destacar, entre as mais de quarenta obras da escritora, aquela que será o foco deste artigo: *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Tal produção é sinteticamente delineada em sua contracapa cujos dizeres afirmam: “De um século para cá se escreveu uma vastíssima literatura sobre as classes sociais, [...], contudo, até hoje, nada existia que integrasse sexualidade e classe. Este é o primeiro trabalho que se fez tentando unir estas duas realidades” (MURARO, 1983). A respeito desse vanguardista exemplar, é a própria Muraro quem reflete sobre a sua criação:

Ele [o livro] se originou de um projeto de pesquisa elaborado a partir de meu encontro com a Prof^a Ieda Siqueira Wiarda, socióloga, membro do Departamento de Ciências Políticas da Universidade de Massachusetts, quando de viagem realizada por mim aos Estados Unidos em 1977 a convite da Fundação Fullbright. O projeto inicial seria uma pesquisa junto às mulheres e organizações com poder de decisão sobre o programa de Planejamento Familiar no Brasil e também junto àquelas que deveriam ser os recipientes destes programas, isto é, algumas mulheres de classes menos favorecidas. O projeto foi aprovado e obteve uma pequena verba da Fundação Rockefeller em 1979 (MURARO, 1983, p.15).

A descrição da obra supracitada, pelo crivo murariano, já anuncia os feixes científicos que marcam a sua escrita e norteiam a sua leitura, uma vez que expõe todo o aparato acadêmico responsável por fornecer subsídios ao projeto nomeado. Esse compromisso com

um fazer atrelado à ciência se faz presente, mais uma vez, na fala da própria autora, que assim organiza as partes do seu livro:

Um primeiro capítulo [versa] sobre corpo e sexualidade, um segundo sobre classes sociais, inclusive no Brasil, um terceiro explicando por que se juntaram sexualidade e classes sociais, contendo a metodologia e o desenrolar do projeto. Um quarto sobre as regiões e classes escolhidas e suas lutas específicas. Numa segunda parte, a análise dos discursos das três classes seguidos de mais três capítulos sobre sexualidade de classe, maternidade e classe social e ideologia, trabalho e classe, em que se fez o estudo comparativo das três classes. Numa terceira e última parte, as conclusões finais tiradas da pesquisa. Como a fala das pessoas é muito importante, publicamo-la na íntegra nos Anexos. O anexo I compõe-se do questionário tal como ele foi aplicado, o anexo II reúne todas as falas recolhidas, o Anexo III consta de algumas histórias de vida de camponesas. [...]. O Anexo IV é um resumo de tabelas (MURARO, 1983, p.16).

A preocupação com um fazer científico se faz sentir por meio do roteiro instituído pela escritora, que confere à sua obra nuances factuais, sistemáticas, verificadas por meio de procedimentos analíticos, rigorosamente metodológicos. Observa-se, com isto, a importância conferida aos questionários, às entrevistas e às tabelas, na edificação do livro sobredito. Todos esses elementos anunciam uma “ciência do feminismo”, ou seja, uma edificação de eixos formais, logicizantes, que se debruçam sobre a temática da mulher. Apesar dessa delimitação, o exercício textual de Muraro parece anunciar um trabalho experimentalista, que vai além da mera aplicação de formalismos a um conteúdo específico. Essa hipótese se erige a partir do questionamento acerca dos possíveis motivos que circundam o uso dos gêneros susoditos, intitulados como “anexos”, na pesquisa de Muraro, e, sobretudo, a partir da interrogação sobre os efeitos de sentido acarretados por meio da leitura de tais construções textuais. Essas indagações carecem, portanto, de um arcabouço teórico para que possam ser respondidas. Pensando nisto, este trabalho se constrói à luz dos estudos discursivos, mormente daqueles que focalizam os gêneros como *corpora*, dos quais se destacam Bakhtin (2003), Maingueneau (2004), Lara (2008), Mari e Silveira (2004) e Rastier (1998) como autores basilares para a construção do referencial bibliográfico, deste artigo.

Com base em tais alicerces teóricos, pretende-se, portanto, (a) examinar como as produções genéricas - questionários, entrevistas e tabelas-, das quais Muraro se vale, apresentam aspectos linguísticos, enunciativos e discursivos que colaboram para a construção de sentidos na leitura e na escrita de textos científicos, e, sobretudo, (b) almeja-se reiterar como a produção de Muraro goza, no contexto acadêmico, pretérito e atual, de uma genialidade perene sendo, portanto, tarefa impossível se esquecer das contribuições da

intelectual perpetuadas durante sua vida e eternizadas, após o seu falecimento, ocorrido este ano.

2 Fundamentação teórico-metodológica: os gêneros discursivos à luz do gênero feminino

Os gêneros do discurso foram, inicialmente, uma preocupação da Retórica e da Poética. A noção de gênero atrelada a esses domínios foi consideravelmente ampliada com as contribuições de Mikhail Bakhtin, cujas reflexões sobre o assunto encontram ressonância até os dias atuais. Para Bakhtin (2003),

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - conteúdo temático, o estilo a construção composicional - estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p.261-262, grifos do autor).

Esses gêneros são considerados inesgotáveis pela riqueza e variedade que representam a partir das inúmeras esferas de atividades humanas e pela capacidade de ampliar-se a partir dos tipos estáveis. Tal plasticidade permitiu que o conceito de gênero adquirisse um maior alcance, abrangendo até os textos utilizados nas situações cotidianas mais corriqueiras, como um bilhete ou uma conversa ao telefone, tamanha a heterogeneidade dos gêneros discursivos. Se a definição de gêneros proposta por Bakhtin atesta certa estabilidade, ou normatividade, nas produções verbais dos falantes, ela também abre espaço para o exame de gêneros mais (ou menos) padronizados, mais aptos a refletir o estilo individual, como os literários, e mais padronizados, como os gêneros científicos. Nessa mesma linha, Maingueneau (2004, p.50-53) propõe quatro modos de genericidade instituída, que vão do modo I (mais padronizado) ao modo IV (mais criativo), como se vê:

O modo I implica gêneros instituídos que não estão – ou estão pouco – sujeitos à variação (fichas administrativas, catálogo telefônico, registros de cartório etc). No modo II, encontram-se os gêneros que seguem uma cenografia preferencial ou esperada, mas toleram desvios (por exemplo, um programa político-eleitoral em forma de carta ou um guia de viagens

apresentado como uma conversa entre amigos). O modo III inclui gêneros (como publicidades, músicas e programas de TV) que incitam à inovação, não apresentando, portanto, uma cenografia preferencial (embora, com o tempo, possam tornar-se estereotipados). No modo IV, finalmente, situam-se os gêneros propriamente autorais, como os literários, por exemplo, para os quais a própria noção de “gênero” se torna problemática (LARA, 2008, p.8).

Os desafios inerentes ao estudo classificatório dos gêneros se confundem com a própria complexidade da conceituação de tal termo. No entanto, como afirmam Mari e Silveira (2004, p. 65), essa dificuldade conceitual não impede que o usuário seja capaz de reconhecer cada gênero e fazer uso dele, pois é como se houvesse uma “funcionalidade instintiva”. Do mesmo modo, Rastier (1998) assevera que essa capacidade de identificação dos diferentes gêneros deve-se ao caráter normativo de cada um deles, ou seja, essa normatividade confere regularidade ao gênero, o que possibilita que o usuário seja capaz de reconhecê-lo e de operar com ele. Para contemplar essa proficiência discursiva, adquirida por meio do manejo dos gêneros, faz-se necessário regressar ao dizer bakhtiniano, que sanciona:

A vontade discursiva dos falantes se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero do discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero (BAKHTIN, 2003, p.282, grifos do autor).

Tal proposição denota a relação intrínseca entre o sujeito languageiro e os gêneros discursivos dos quais faz uso, apregoando a impraticabilidade de se comunicar sem ser por meio da linguagem e de seus desdobramentos naturais: os gêneros do discurso. Esse liame entre os usuários linguísticos e os tipos estáveis de enunciados é traduzido da seguinte forma pelo filtro bakhtiniano:

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e, além disso, de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas (estas são diferentes das familiares). Esses gêneros requerem ainda um certo tom, isto é, incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva. Esses gêneros, particularmente os elevados, oficiais, possuem um alto grau de estabilidade e coação. Aí, a vontade discursiva costuma limitar-se à escolha de um determinado gênero, e só leves matizes de uma entonação expressiva [...]. Mas também aqui é possível uma reacentuação

dos gêneros, característica da comunicação discursiva em geral; assim, por exemplo, pode-se transferir a forma de gênero da saudação do campo oficial para o campo da construção familiar, isto é, empregá-la com uma reacentuação irônico-paródica; com fins análogos pode-se misturar deliberadamente os gêneros das diferentes esferas (BAKHTIN, 2003, p.283-p.284).

É precisamente a partir dessa dinâmica helicoidal, entre os agentes comunicativos e os gêneros discursivos, e da possibilidade de mesclas genéricas, que se atrela a construção teórica, produzida neste artigo, ao *corpus* selecionado para esta atividade, no caso o livro de Rose Marie Muraro. Transpondo o dizer de Bakhtin (2003) para a realidade deste exercício acadêmico, o que se objetiva é investigar o tripé proposto pelo estudioso russo - conteúdo temático, estilo e construção composicional - à luz das reflexões de Muraro sobre o gênero feminino². Nesse sentido, propõe-se analisar a forma como a obra murariana se estrutura na edificação do seu fazer científico, e, principalmente, os efeitos de sentido que produz devido à escolha e à amálgama de determinados gêneros- questionários, entrevistas e tabelas - e não de outros. Com esses escopos tracejados, encerra-se aqui, portanto, essa alígera demarcação teórica e segue-se para a análise pensada a partir de tal delimitação.

3 O repensar científico pelo olhar de Muraro: vanguardismo e engajamento

Grosso modo, Marconi e Lakatos (2003, p.201) definem o gênero "questionário" como "um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador". Entre suas funções, o questionário permite uma observação direta extensiva, passível de obter um contingente maior de respostas, estas, na maioria das vezes, sucintas. Ademais, devido à objetividade das indagações que o constitui, esse gênero textual alcança um número maior de entrevistados, posto que estes se sentem mais dispostos a contribuir com uma pesquisa sintética. Com efeito, tais características se materializam nos questionários aplicados por Muraro (1983), como se observa:

² Vale salientar que a fim de se propor uma desambiguação a respeito do vocábulo "gênero", tal termo será utilizado, nas linhas posteriores a estas, sempre seguido dos seus especificadores, tais como gêneros "discursivos/ textuais" ou gênero "feminino", este foco da militância de Muraro.

ANEXO I

Questionário inicial

Local de aplicação desta entrevista

1. São Paulo
7. Rio de Janeiro
13. Pernambuco

DADOS PESSOAIS

1. Idade do(a) entrevistado(a)
2. Tempo de casamento
3. Quantos filhos tem?

Figura 1- Questionário (MURARO, 1983, p. 339).

O Anexo I, resumidamente destacado, conta com um montante significativo de sessenta e nove questões fechadas e vinte e três abertas que foram contestadas pelos participantes da pesquisa. É preciso ressaltar que tal questionário é o único texto, dentro da seção “Anexos”, transposto para o livro tal qual foi concebido, uma vez que, tanto as entrevistas, quanto as tabelas, que serão aqui analisadas, já apresentam os resultados do projeto murariano. Vale salientar que a obra de Muraro (1983) é o produto da pesquisa realizada a partir das amostras recolhidas no Rio de Janeiro, em Pernambuco e em São Paulo, lugares onde, respectivamente, a classe média, o campesinato e o operariado foram inquiridos, produzindo, como resultado maior, o exemplar em questão, fonte, segundo a autora, de “um trabalho coletivo [que] é fruto da integração de conhecimento acadêmico com o conhecimento oriundo da prática dos movimentos sociais. (MURARO, 1983, p.9).

Retornando ao exame do questionário, agora, pelo viés bakhtiniano, verifica-se que o conteúdo temático, sobre o qual tal gênero discursivo se inclina, resgata o tema norteador da obra como um todo: sexualidade e classe da mulher brasileira. Esse conteúdo é disposto em dois grandes blocos, nomeados pelos sintagmas “Dados Pessoais” e “História de Vida”, aquele, desmembrado em pequenos enunciados organizados por números e letras, e, este, formado pelo agrupamento de perguntas diretas. Tais blocos se organizam por meio de espaçamentos largos que dispõem os elementos textuais de forma clara e sistematizada, conferindo ao questionário um aspecto estético planejado. Todos esses elementos compõem o esqueleto textual, ou seja, constituem a construção composicional do questionário, que sinaliza, visualmente, a forma como esse gênero discursivo se estrutura na página, direcionando a leitura do sujeito linguageiro.

Sobre o estilo verbal, é a própria Muraro (1983) quem reflete sobre as escolhas lexicais: “Para estas perguntas ‘fechadas’ usou-se uma estratégia baseada na escala tipo *Likert* [...] a pergunta era feita sob forma de afirmação, em que se procuraram frases simples, com conceitos compreensíveis em linguagem popular”, mas “que não contivessem em si a sua própria resposta” (MURARO, 1983, p.44, grifos da autora). As escolhas fraseológicas murarianas, contempladas no questionário, de fato, apóiam-se em construções sintáticas mais simples, nas quais vigora a norma não padrão, e nas quais se alternam frases iniciadas por pronomes interrogativos (Quanto ganha o cônjuge?), enunciados formados por verbo e seu objeto direto (Vê televisão?) e perguntas que contam somente com substantivos (Religião, Profissão, Cor). Constata-se que é, precisamente, o uso desse linguajar mais coloquial o que desvia o questionário murariano das diretrizes formais de um questionário-padrão. Essa pequena transgressão é prevista pela autora, que afirma:

[...] Temos a que dizer que esta não é uma pesquisa. Ela junta o conhecimento teórico com a prática política das pesquisadoras. [...] Aqui a intenção é integrar saber e prática social transformadora. [...] Por isso optamos por um questionário menos amarrado, menos controlado que os questionários convencionais das Ciências Sociais. (MURARO, 1983, p. 41).

Avançando em direção ao Anexo III³, observa-se que a definição do gênero “entrevista” aplica-se, em parte, ao que é proposto por Muraro (1983):

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. [...] Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social. Quando realizado por um investigador experiente, "é muitas vezes superior a outros sistemas de obtenção de dados", afirma Best (1972, p. 120). (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.195-196).

Com efeito, o trecho do Anexo III, a seguir, revela essa estrutura metódica aplicada por Muraro (1983) a tal gênero do discurso, no entanto, outros elementos, além dos estipulados, na confecção de uma entrevista, também podem ser percebidos no excerto:

³ O Anexo II não será contemplado, neste trabalho, pois se assemelha ao Anexo III, sendo, portanto, dispensável a sua análise, aqui, dada a limitação de páginas deste artigo.

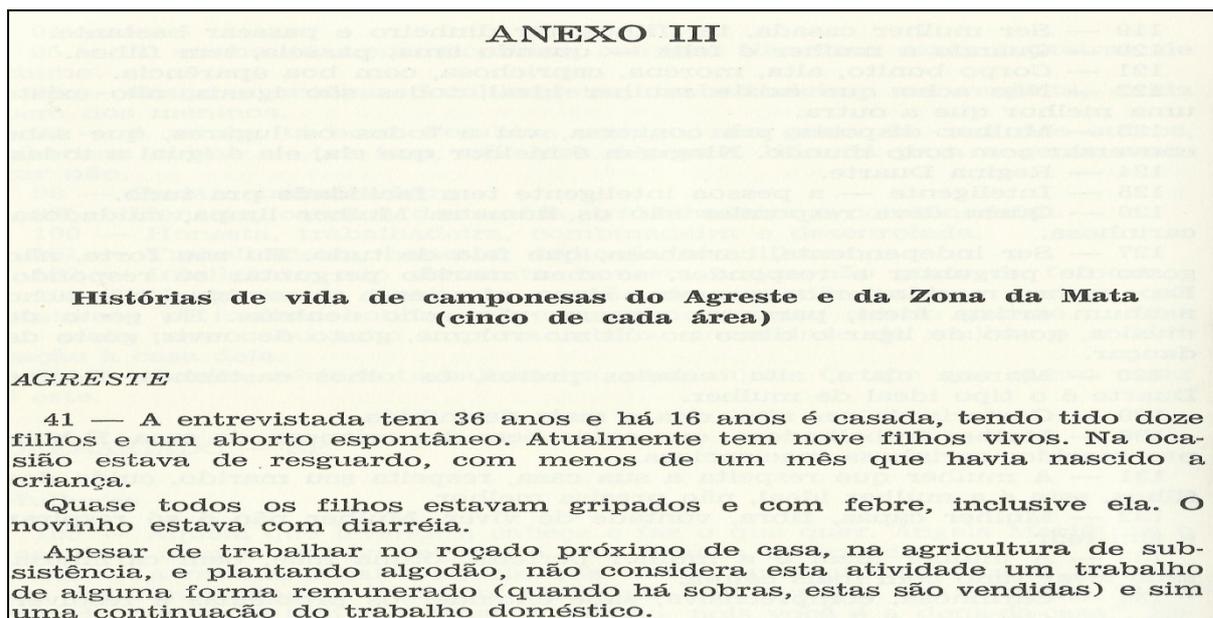


Figura 2 - Entrevista (MURARO, 1983, p. 478).

Tendo como horizonte o tripé teórico formulado por Bakhtin (2003), atesta-se que o conteúdo temático, imbricado na associação entre os estratos sociais e as mulheres brasileiras, permanece visível na aplicação do gênero discursivo “entrevista”. Do mesmo modo, a construção composicional de tal produção linguística parece obedecer às regras constitutivas desse gênero textual, sendo as respostas dos entrevistados, rigorosamente, numeradas e dispostas, de forma linear e organizada, nas páginas do livro. Já o texto, em prosa, conta com um estilo verbal peculiar, pois, por meio de paráfrases, reescreve as respostas dos interrogados, dando aos enunciados nuances, simultaneamente, formais e informais. Prova disso, encontra-se na amostra acima, na qual se comprova a preocupação com períodos curtos, devidamente pontuados, ao mesmo tempo em que se assume uma linguagem mais cotidiana por meio do vocábulo “novinho”. Mais uma vez, é por meio do estilo verbal que Muraro (1983) parece romper uma lógica discursiva engessada em prol da aplicação de um gênero, *a priori*, padronizado, que, no seu fazer científico, ganha certa plasticidade.

Finalmente, chega-se ao Anexo IV que conta com o resumo das tabelas, estas assim conceituadas:

Tabelas ou Quadros: é um método estatístico sistemático, de apresentar os dados em colunas verticais ou fileiras horizontais, que obedece à classificação dos objetos ou materiais da pesquisa. É bom auxiliar na apresentação dos dados, uma vez que facilita, ao leitor, a compreensão e interpretação rápida da massa de dados, podendo, apenas com uma olhada, apreender importantes detalhes e relações. Todavia seu propósito mais importante é ajudar o investigador na distinção de diferenças, semelhanças e relações, por meio da clareza e destaque que a distribuição lógica e a

apresentação gráfica oferecem às classificações. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.169).

Tais características são, visivelmente, contempladas, no anexo abaixo, que também apresenta algumas variações de inquestionável visibilidade:

ANEXO IV

Questionário fechado (Resumo das tabelas)

— na ordem usada no livro —

Abreviações: M = Mulher
H = Homem
B = Burguesia
A = Agreste
ZM = Zona da Mata
O = Operariado
CM = Classe Média
U = Universitário(a)

Observações: Foram somadas sob uma só rubrica as pessoas que concordaram muito e concordaram pouco nas tabelas originais. Os outros itens, “sem opinião”, “discordo pouco” e “discordo muito”, foram omitidos pelas razões expostas na introdução. Os números das tabelas às páginas seguintes referem-se a percentuais em sua totalidade.

I — SEXUALIDADE

1) *Itens referentes ao controle do corpo pela própria mulher*

É importante ter relações sexuais antes do casamento.

M	90.	10.	5.	35.	85.8	91.4
H	80.	10.	21.	36.2	88.6	89.5
B		A	ZM	O	CM	U

Figura 1 - Tabela (MURARO, 1983, p. 496).

Levando-se em consideração a tríade bakhtiniana, assume-se que o conteúdo temático do gênero “tabela”, assim como os temas dos questionários e das entrevistas, ainda versa sobre a relação entre sexualidade e as camadas sociais, no contexto brasileiro associado à mulher. O estilo verbal, sintético e repleto de abreviações, respeita a configuração fraseológica do que se conjectura para uma tabela, enquanto gênero do discurso. No entanto, a construção composicional parece ser o elemento destoante na leitura de tal texto. Observa-se que não há linhas que demarquem as divisões entre os números e as letras, os eixos se encontram dispersos sem nenhuma reta tracejada que os guie. Além disso, não há cores, símbolos ou quaisquer outros recursos que facilitem a interpretação do leitor. A ideia dos percentuais, por exemplo, somente pode ser construída pelos sujeitos comunicantes se estes

fizerem a consulta prévia ao enunciado nomeado “Observações”, contido logo acima da primeira tabela. Nesse caso, ratifica-se o tom experimental conferido à tabela murariana que, apesar de respeitar os alicerces que constituem esse gênero do discurso, também propõe uma pequena dilatação quanto à construção/leitura de tal produção textual.

A partir do exame dos três gêneros dos quais Muraro (1983) se apropria - questionário, entrevista e tabela, conclui-se, portanto, que a pesquisadora se vale de elementos linguísticos, discursivos e enunciativos que contribuem para a construção de um saber científico, no dizer da própria autora, mais frouxo:

Na nossa opinião, quanto mais lógico o conhecimento, mais controlado. É preciso *afrouxar* os laços lógicos para que as realidades novas, relevantes, possam aparecer no decorrer do trabalho. [...] Galileu inventou a Ciência, Marx descobriu a lógica da Produção e Freud, a do Desejo. Talvez o trabalho das mulheres, *menos lógico*, ao mesmo tempo mais abrangente e menos preciso, possa trazer, para a consciência coletiva, a lógica do Outro. (MURARO, 1983, p. 41, grifos meu).

Nessa direção, o fazer científico murariano leva a crer que o maior efeito de sentido decorrente do uso de tais gêneros é a ratificação da aplicabilidade de contornos logicizantes a quaisquer conteúdos, sejam estes oriundos de uma pesquisa feminista, menos lógica, no olhar da estudiosa, mas, não por isto, menos científica. Nesse sentido, Muraro (1983, p.41) adverte sobre a necessidade de se “*afrouxar os laços lógicos*”, e não de se extirpá-los, alerta que é cumprido no livro analisado, posto que a autora transgride, alarga, as cenografias genéricas de textos fortemente padronizados sem, no entanto, descaracterizá-los. Com esse trabalho, Muraro (1983) comprova que, mesmo para que se possa transgredir uma norma, é necessário que se obedeça a certas regras, sem as quais a produção científica se tornaria caótica e disforme e, por isso, incapaz de repousar sobre a lógica mais importante: a do Outro.

4 Apontamentos finais: uma ode à Muraro

Com este artigo foi se possível delinear, ainda que *en passant*, alguns aspectos linguísticos, enunciativos e discursivos, à luz da teoria bakhtiniana, que coadjuvam a composição de sentidos, na leitura e na escrita dos textos científicos de Muraro (1983), que compõem a obra *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Sobre essa produção, tornou-se patente, por meio deste trabalho, a importância murariana, no fazer científico, por essa autora se valer de uma série de dispositivos que marcam uma preocupação com um pensar acadêmico, de fato, reflexivo. Um dos recursos que promovem essa

lucubração é, precisamente, o manejo de gêneros do discurso, *a priori*, estanques e cientificistas, em prol de um conteúdo inédito e pouco afeito, no olhar reducionista da época, a contornos mais racionalizantes, como aqueles inerentes aos questionários, entrevistas e tabelas utilizados. Nesse sentido, Muraro (1983) transgride os padrões epistemológicos ao desmitificar esse atrelamento, necessariamente, engessante, entre os gêneros textuais e determinados conteúdos. Essa relação, no entender murariano, seria falaciosa, limitada, pois não abarcaria a multiplicidade conteudística imbricada nas produções discursivas humanas.

Ainda nessa direção, Muraro (1983), ao propor esse emprego dos gêneros discursivos, transgride, no plano externo, o conceito redutor de ciência que a concebe somente por meio de um viés matemático, objetivo, tecnicista. Na ótica murariana, percebe-se a preocupação com uma ciência que seja sistemática, mas, que, simultaneamente, priorize o material humano que subjaz àqueles índices lógicos. Desse modo, entende-se que a obra de Muraro (1983), ao mesmo tempo, em que se rende a um forte viés cientificista, com dados, exaustivamente, quantitativos, confere, também, a esses mesmos números e formas, uma roupagem qualitativa, debruçando-se sobre a realidade de onde emergem tais Algarismos. Há, dessa forma, uma inquietação positiva, no que diz respeito à produção e à recepção de tal material, manifestada pela própria estudiosa cuja construção metatextual reflete sobre o fazer científico, ao mesmo tempo, em que o constrói. No plano interno, constata-se que a pesquisadora transgride as barreiras dos gêneros textuais ao incentivar o uso de tais produções languageiras, altamente padronizadas, de modo mais lasso, mais maleável, sem, contudo, infringir o núcleo duro que torna aqueles textos reconhecíveis como tais.

Vê-se, portanto, que a produção verbal murariana, alçada sob a confluência interpretativa entre Algarismos e pessoas, mimetiza o conteúdo transgressivo das ideias da intelectual, sendo a escolha dos gêneros textuais, utilizados na obra em questão, apropriada ao seu projeto de edificar um conhecimento, cientificamente, humano. Nesse caminhar, atesta-se a elaboração de um projeto científico a serviço não de perguntas retóricas, mas sim de um fazer engajado, comprometido com a imparcialidade, que entende a “neutralidade” das Ciências como uma quimérica proposição, dado que a língua é impregnada de valores e ideologias, sendo, portanto não passível de refletir os sentidos de modo transparente. Daí a importância do legado murariano, marcado por contribuições sem precedentes à academia brasileira, ideia essa corroborada por Duarte (2003):

Destaco Rose Marie Muraro, entre inúmeros nomes, pelos muitos livros que publicou, inclusive em pleno regime militar, e pela atuação firme e coerente em toda sua vida, assumidamente feminista. Rose Muraro foi a responsável

pela vinda ao Brasil da escritora norte-americana Betty Friedan, cuja passagem no Rio de Janeiro pode ser comparada a um maremoto de proporções inimagináveis. A ontológica entrevista ao *Pasquim*, assim como o massacre verbal que ambas sofreram, são por demais conhecidos. Como também são sobejamente conhecidas a força e a determinação de Muraro para impor suas idéias e sua permanente disponibilidade para o debate. Em 1975, ela havia fundado, com outras companheiras, o Centro da Mulher Brasileira, entidade pioneira do novo feminismo nacional. Dentre seus trabalhos, lembro a importante pesquisa que realizou sobre a sexualidade da mulher brasileira, em que considerou não apenas a diversidade de nossas regiões, como a experiência diferenciada das camadas sociais no que diz respeito ao corpo e ao prazer. A repercussão de tal trabalho no momento em que foi divulgado, o ano de 1983, foi decisiva para o debate acadêmico e a orientação de outras pesquisas (DUARTE, 2003, p.166).

Desse modo, os questionamentos, deixados pela herança murariana, levariam, em outras épocas, a indagações como: “Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos encargos públicos. E por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência”. (FLORESTA, 1832 *apud* DUARTE, 2003, p. 151). Com efeito, a afirmação de Nísia Floresta (1832) reproduzia a realidade das mulheres, no século XIX, seres acudados diante de um Positivismo crescente que lhes rechaçava o lugar de direito. No entanto, perguntas como aquelas não se aplicam mais, na contemporaneidade, pois foi graças a precursoras como Floresta, que surgiram intelectuais como Muraro, ambas feministas e transgressoras, responsáveis, cada uma a seu tempo, por fazer ciência no sentido *lato*. Por isso, “falar de Rose Marie Muraro é tarefa difícil, tamanha foi sua intensidade, transgressões e profundidade”, sendo este artigo uma homenagem, “uma pequena expressão de agradecimento pelo seu pioneirismo nas lutas por oportunidades para todas as mulheres brasileiras (ZUCCO; LISBOA, 2014, p.564).

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed.São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n.49, p. 151-172, 2003.
- FLORESTA, N. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 1832. In: DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n.49, p. 151-172, 2003.
- LARA, G. M. P. **Gêneros do discurso e ensino**. Belo Horizonte: FALE/UFMG: 2008 (projeto de pesquisa).

MAINGUENEAU, D. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (orgs.). **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004, p.43- 58.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARI, H.; SILVEIRA, J. C. C. S. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (orgs.). **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004, p.59- 74.

MURARO, R. M. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

RASTIER, F. Le problème épistémologique du contexte et le statut de l'interprétation dans les sciences du langage. **Langages**, Paris, v.32, n. 129, p. 97-111, 1998.

REY, L. Como redigir trabalhos científicos. 1978. In: MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

TRUJILLO, A. F. Metodologia da ciência, 1974. In: MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ZUCCO, L.; LISBOA, T. K. Rose Marie Muraro: uma mulher impossível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.22, n.2, p. 563-564, 2014.

Data de recebimento: 30 de julho de 2014.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2014.